



Conde d'Agrolongo

O grande benemerito conhecido em todo o paiz, pelas suas grandes obras de manifesta
caridade e beneficencia, ultimamente
falecido em Lisboa, e que mandou construir em Braga, o Asilo que tem o seu nome.

Braga, 15 de Abril de 1929

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAX -- BRAGA

NUMERO 369 — ANO VIII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L. 4.

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES:

Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS:

Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	2\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

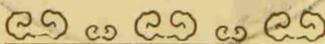
Telefone, 212

CAPAS PARA A *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA*

Preço de cada capa de luxo	7\$50
Encadernação	2\$50

Pedidos à Administração

Esta casa, a mais antiga no género, além de um variado sortido de pa-



Papelaria das Flores

de agua-benta, placas, estampas de todos os formatos, simples e artisticas,

Viuva Carvalho & Silva, Sucessor

pelaria, artigos de pintura e aprestos para confeccionar flores artificiais; tem sempre em deposito um colossal sortido de artigos religiosos, constante de terços, medallhas, crucifixos pias

88, Rua do Souto, 90
— **BRAGA** —

Especialidade em artigos com a imagem de Nossa S.^a de Fátima

DESCONTO AOS REVENDADORES

imagens de massa com rica pintura, livros de missa, etc.

Lembranças de 1.^a Comunhão. Patentes e mais artigos do Apostolado da Oração. Modelos de pin-

tura : : :



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA QUINSENAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

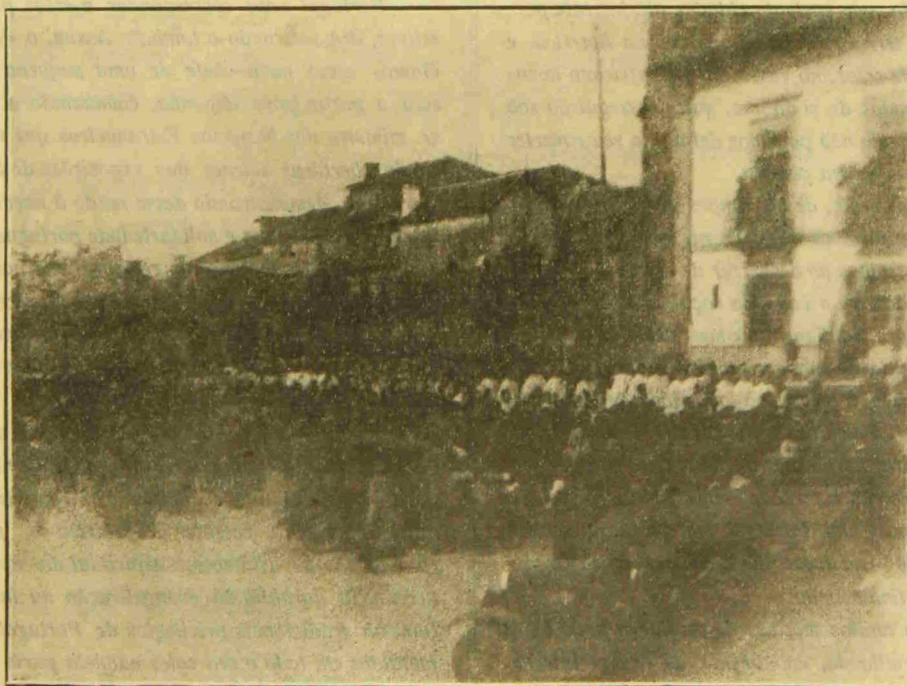
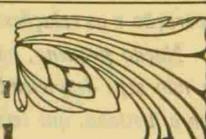
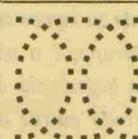
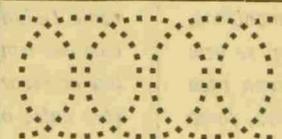
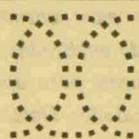
Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, *R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º*
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 15 de Abril de 1929

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VIII — N.º 359



BRAGA — A procissão de Passos no
seu trajecto no Largo
das Carvalheiras



O nosso país, e nem país nenhum, pode hoje aspirar a viver por si mesmo, sem relações com os países seus vizinhos, e até distantes. E nem país nenhum pode ter tal pretensão, que seria estúlia, hoje que a vida se tornou, encurtadas as distancias pela rápida locomoção, quasi cosmopolita. A propria Inglaterra que, pelo menos em politica, blasonou de esplendido isolamento, não desdenha hoje a participação constante nos assuntos da vida internacional, e nas negociações permanentes da Sociedade das Nações.

Mas as relações entre os Estados, como entre os individuos, podem assumir um grau maior ou menor de affectividade. A intimidade entre os Estados pode, como entre os individuos ser mais ou menos perfeita, e ha graus indefinidos entre uma constante cooperação e as relações mais ou menos ceremoniosas.

Nação pequena, na Europa, é a nossa, se bem que não seja despicienda a hegemonia de uma raça como a lusitana, que tem criado outras nações, como o Brazil, da qual derivam grupos ethnicos diferenciados, como na India, que sustenta cidades nitidamente portuguesas em territorio estranho, como na America, e que começa de criar, no vasto imperio africano novos centros derivados de si mesma, que prosseguirão sob formas que ainda não podemos definir, o seu character antropologico e a sua cultura.

Portugal sente, de ha tempos para cá, uma revivescencia notavel de espirito nacional: é como se esfregando os olhos ao despertar de um sono, sentisse quanto é ainda vivo o valor da raça e quanto pode ter ainda, e sempre, confiança nos seus destinos.

A pretexto de incitamento tem-se feito, e ainda se faz por vezes, a invocação lamentosa de «apagada e vil triteza». Patriotismo dissolvente é esse, a que urge pôr cõbro, para antes apellar um Portugal «em perigos e guerras esforçado, mais do que permite a força humana», um Portugal em que seja sentida «Mais alegria!» na frase tão oportuna do sabio prelado beneditino alemão.

Ora se muitos motivos de confiança pode ter a nossa nacionalidade, cabalmente na ordem internacional o encontra, muito valiosos e brilhantes. Citemos só, de passagem, alguns dos ultimos dias.

O governo espanhol enviou ao Tejo, a trazer os protestos de amizade da nação irmã, um dos seus melhores e mais opulentos navios o «Almirante Cervera». E' sempre motivo de regosijo, e de se apertarem laços de fraternidade internacional, uma visita

semelhante. Ela em si constitue uma prova de apreço que denota certo grau de intimidade. Mas el-Rei D. Afonso XIII quis salientar ainda mais essa característica: ordenou por tal modo a estada do cruzador espanhol nas aguas portuguesas, que coincidissem com o aniversario da proclamação do Sr. Presidente da Republica, com o fim de associar a Espanha a uma festa tão intimamente portuguesa como a posse official do nosso Chefe de Estado.

E' igualmente uma prova da boa situação de Portugal na balança politica do mundo, a visita que a seguir fez o cruzador americano «Raleigh» á nossa capital. As provas de consideração e estima que se tem trocado são de molde a produzirem a maior satisfação a todos os bons patriotas. Ainda não saiu do Tejo, ao tempo que escrevemos estas linhas, o almirante Daighton, mas podemos já prever, pelas noticias que tem sido publicadas, que a sua visita contribue necessariamente para apertar mais as boas relações entre os Estados Unidos da America e o nosso país.

Portugal sabe corresponder a estas provas de estima, demonstrando-a tambem. Assim, o «Vasco da Gama» como navio-chefe de uma pequena divisão, está a partir para Espanha, conduzindo a bordo o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros que vai assistir ás aberturas solenes das exposições de Sevilha e Barcelona, demonstrando desse modo á nação vizinha a boa camaradagem e solidariedade portuguesa.

E porque falamos de relações internacionais é justo refirmarmos tambem a assinatura recentemente feita em Roma-Vaticano, de um tratado com a Santa Sé, negociado por um Bispo português enviado simultaneamente de Portugal e do Papa — D. Teotonio. Esse tratado, sobre a diocese de Meliapor, até agora não circunscrita a territorio em particular mas dispersa em paróquias isoladas, é o complemento de uma Concordata recente. Regulariza-se, por essa forma, não só o interesse espiritual da Igreja, e a necessaria garantia da evangelização na India, mas tambem tradicionais privilegios de Portugal que são mantidos em todo o seu valor naquella parte que mais nos poderia interessar, mantendo uma hegemonia lusitana num grande nucleo de cristandades da India. E' assim mais uma prova do que a principio viñhamos dizendo, e é que, não só tem Portugal razões bastantes para conflar no futuro, mas tambem pode estar satisfeito da sua excelente posição no conjunto das relações internacionais.

ARVORES

Arvores nuas pelo inverno frio...

Visões de magua e desalento.

Vosso côrpo esguio,

Batido pelo vento,

Lembra a rôca espiada que se avista

Ao canto do escaninho,

Pedindo à fiandeira que a vista

De nôvo linho.

.....

Arvores em flor do meu pomar,

Todas festivas, louçãs;

Lembraís todas as manhãs,

Noivas que se vão noivar.

Sois a arca onde leveda

O pão de amanhã; a aza

Que aprende a voar, sois braza

Que ainda será labareda.

Nos vossos ramos, quem quer,

Como eu, verá também

Um sorriso de mulher,

Com promessas de ser mãe.

.....

Bago a bago, cachos loiros

Nas parreiras dos caminhos

A porfiar: (— linda conta!)

— Qual será para os besoiros?...

Ou qual mais perto se encontra,

Da boca dos pobresinhos!?...

Mostrais assim vosso enfeite,

Qual mãe, com gesto divino

Apresenta ao seu bambino

Os seios cheios de leite.

Arvores santas e piedosas!...

Oliveiras!!...

— Azeitonas saborosas!

— Azeite da nossa mesa...

Ao conchego das lareiras,

Nas candeias da pobreza.

Arvores altas, a vergar

De frutos para o chão;

Mãos a dar...

— Pão.

.....

.....

Fumo branco sobre as casas...

Ao lume, os velhos, coitados,

Aquecem os pés maguados,

Ao brando calor das brazas.

Tudo morre, tudo finda!...

Tudo tem a sua cruz!

— ! Mas ai que morte tam linda!!...

Um tronco ao morrer, ainda

Nos dá luz.

Beiral do Lima

Ponte do Lima — Janeiro

de 1929.

ALFREDO PEIXOTO BARRETO

No domingo passado, com os olhos iluminados ainda pelas pinturas de Carlos Reis, entrei no Salão Silva Porto, a ver os quadros que ali tem expostos o pintor Heitor Cramez.

Ao ler no cartão de convite que me tinham mandado o nome do artista, tive a impressão de que ele era espanhol, e ia espevitando a memoria para recordar algumas frases de bom madrileno, para dedicar ao pintor, como o profundo conhecedor da lingua de Cervantes e Guerrita.

Mas, logo ao entrar, e mesmo antes de pegar no catalogo, notei que o ambiente era o mais genuinamente nacional, se bem que, como um gorgeio

de ave, uma vozita de franceza prepassasse cariciosamente pela sala. Era a esposa do pintor que conversava com pessoas amigas, a unica estrangeira que ali estava?

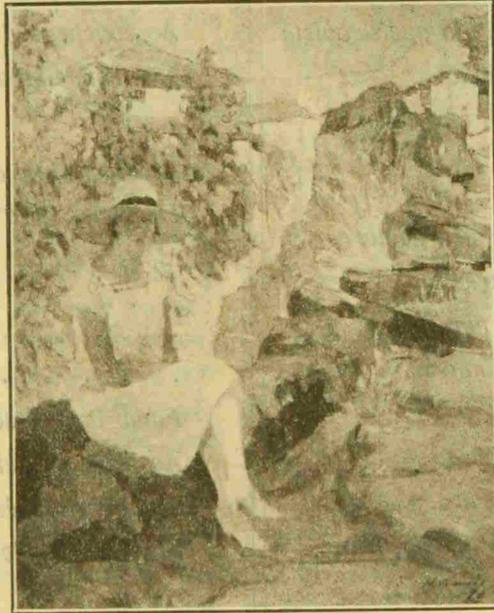
Rapazes, artistas novos, davam á assistencia uma nota alegre e invulgar, diferente da frequencia domingueira, nestes certamens, e eu sentia-me bem.

Não havia, á hora que ali esteve, as conhecidas caras dos amadores habitués do domingo, de exposição de arte, no Salão Silva Porto. Gente moça, e nova para mim, que tambem sou habituê e dos domingos.

Que, devo confessa-lo, nesses dias não vou para ver as pinturas que estão pelas paredes penduradas, mas, sim

para ver as pinturas que andam distribuidas pelas faces das senhoras, e observar algumas faces, que, sem terem tintas, são verdadeiras pinturas!... e que pinturas!...

* * *



REPOUSO
Quadro de Heitor Cramez

Confirmado que o artista era portuguez de nascença, era preciso confirmar-se que ele o era tambem de pintura. E essa confirmação fazia-se com a obra exposta.

Tomado em mão o catalogo, e, quando a meio da minha visita, um amigo comum que se aproximou, informa-me que o artista tinha estado em Paris a estudar. E, logo veio, outro que afirmou, que, quando ele daqui saiu para França,

já era considerado como uma boa esperança. Mais me disse, que o grande desenhador e involdavel mestre, paisagista insigne, Marques de Oliveira, por vezes pasmava da rapidez e da segurança com que ele executava os seus trabalhos de aula, nesse casarão de S. Lazaro, chamado Escola de Belas Artes, que embora os naturais o não queiram acreditar, ainda é uma das boas escolas de pintura, que ha na nossa terra portugueza.

E, que esse mesmo mestre lhe augurara, se assim continuasse sempre, um lugar de destaque, entre os nossos pintores de Arte.

Lá em França, disse mais o meu informador, para onde foi, pelos seus

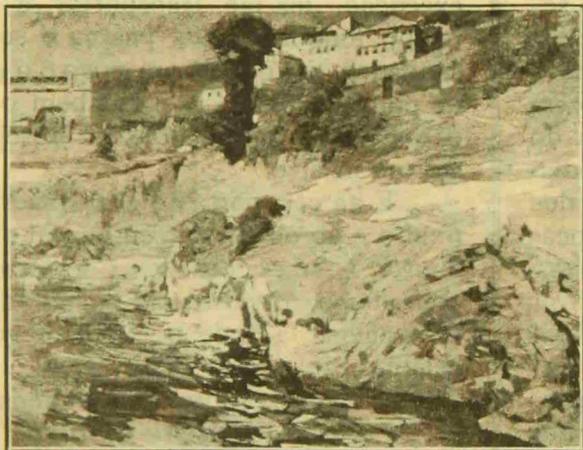
justos cabedais, pois conseguiu o grande premio do pensionato de Paris, não levou a sua vida descuidadamente. Trabalhou algo e apurou mais e mais as suas aptidões pinturaes, vendo e observando os grandes mestres e os grandes

Cramez, que se apresenta com uma natural modestia, sem reclames antecipados, venceu e conseguiu fazer-se notar, não só á minha vista, mas á dos criticos da nossa terra; e fez-se notar com valores reais e positivos.

Isto é dito com a sinceridade maxima de um desinteresse absoluto, e por uma pessoa que, se alguma coisa tem de mau em si, é ser sempre sincero... talvez de mais.

* * *

Heitor Cramez, é um pintor regionalista e bairrista. Ele canta, pintando, em quadrinhos regionais a sua região, a terra onde nasceu, entremeando as suas alegres cantigas com notas da civilizada Paris.



MARGENS DO CORGO
(Vila Real)
Quadro de Heitor Cramez

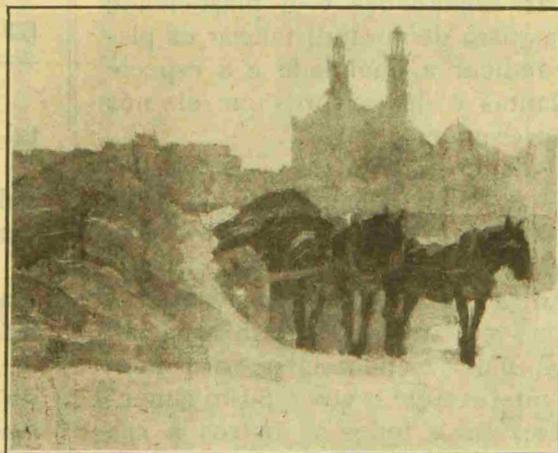
museus. E ao voltar, trazia bagagem bastante para vencer, e venceu.

* * *

E' já um grande pintor?... Não! Mas, tambem, não é uma vulgaridade. Tem grandes aptidões artisticas, tem uma maneira bastante sua de pintar, tem bastante luz e bastante côr na sua paleta, e é um pintor portuguez, genuinamente portuguez.

Confesso, aqui muito á puridade, que antes de visitar a exposição, e quando ainda cá fóra, eu pensei que o pintor que prodesse a exposição Carlos Reis, ficaria ofuscado pelo brilho que, a deste tivera. E que os trabalhos expostos, se sentiriam do reflexo das paredes do Salão Silva Porto ainda iluminadas pelo brilhantismo da anterior exposição.

Mas, enganei-me, porque Heitor



CAIS DO SENA
(Paris)
Quadro de Heitor Cramez

Ele não é um pintor poeta, não. E' um cantador alegre e campezino que tem inspiração, e que em cantigas regionais de luz e de côr põe em evidencia a sua Vila Real campesina. Isto como paisagista, porque ele não é só paisagista. Ele ataca a figura com ousadia e aptidões especiais. Tem apenas

um retrato, na exposição, dirão... mas esse, por signal é magnífico.

Bem sei que aquele retrato deve ter sido feito com um cuidado especial e um especial carinho, porque é o retrato da sua esposa. No entretanto, eu tive ocasião de ver na exposição a pintura e original, e pude constatar que, se como retrato era magnífico, de semelhança, era como pintura adorável de execução. A languidez natural das mãos abandonadas sobre o vestido, a expressão do rosto, e sobre tudo a flacidez do vestido, que tem, como dizem as modistas francezas, *a souplesse* especial dos tecidos finos e leves, são feitos e tocados por mão de quem sabe.

* * *

Na paisagem tem telas de um encanto especial, em que a luz é a propria, e a côr está certa. Ha nos seus quadros ar e ether. E, embora as suas pinceladas sejam por vezes indefinidas, teem as tonalidades e a plasticidade precisas para definir e distanciar os planos e indicar a qualidade e a especie das plantas e das arvores que ele nos quer apresentar.

O Tojo — o Lameiro — o Cais de Gaia — o Pateo (Vila Real) — o Margens do Corgo e muitos outros são na verdade bons.

Entre todos os seus quadros, um ha a que me quero referir em especial.

E' uma manchasinha para mim muito interessante e que é positivamente, talvez para todos os outros a sua mais insignificante obra — o Mercado (Vila Real). Mas que teve o condão de me impressionar.

Estou mesmo a ver os entendidos, a sorrirem-se de mim, por ter dedicado estas duas linhas àquele minuscuro quadro. Mas, como eu não escrevo para agradar aos outros, mas apenas para anotar aquilo que me impressiona, aqui fica a referenciasinha a um pequenino trabalho, mas que eu julgo digno de nota. Demais, lá diz o ditado: pelo dedo se conhece o gigante...

Ha na exposição um quadro, que

me trouxe saudosas recordações da mocidade.

O Tarde Cinsenta — faz-me lembrar um trabalho do grande Sousa Pinto no periodo *gris* de arte. Sem que entre um e outro haja a mais pequena semelhança de assunto; este quadro, pela sua tonalidade de côr e de processo de execução, fez-me transportar a esse tempo longinquo que passou e só traz saudades, em que eu era novo e o grande pintor Sousa Pinto tambem o era, e que tenteava as tintas no desejo de ser um mestre.

E ao ver, portanto esse quadro, ao fixal-o e ao observal-o eu pensei que se Heitor Cramez continuar a trabalhar com afínco, precistencia e estudo, poderá chegar a onde o outro chegou, á celebridade.

E Deus permita que tal aconteça.
Porto — Fevereiro de 1929.

ANTONIO DE LEMOS (Alvaro)



Pensamentos

Ver-se inteiramente a sós com Deus, tal é o privilegio concedido pela oração.

Mas estar só, seguir sósinho a via dolorosa, — salvo rarissimas excepções quasi que não é humano nem cristão.

Jesus, Ele proprio, aceita a alva toalha de Veronica e o hombro de Simão Cyreneu.

Porque é Deus, suporta a solidão do Jardim das Oliveiras, mas *todo o ser humano* estremece n'Ele e para o amparar, á falta dum *irmão humano* o Pai celeste envia-lhe um dos seus anjos.

(Copia)

* * *

A tempestade que parte um carvalho pode ter a missão de fazer reviver uma flor refrigerando-a com uma gôta d'agua.

* * *

Só Deus conhece o *grande desconhecido* que compõe o fundo de toda a vida humana. — (Copia).

* * *

Ninguém deve tocar numa ferida se não tiver com que pensa-la.

(Ernest Hello)

UMA FAMILIA IMORTAL!

DEZ IRMÃOS, TODOS VIVOS, TODOS NA MESMA FREGUEZIA E O MAIS NOVO CONTA 53 ANOS!!!

SÃO O PROTOTIPO DA FORÇA E RAÇA PORTUGUEZA

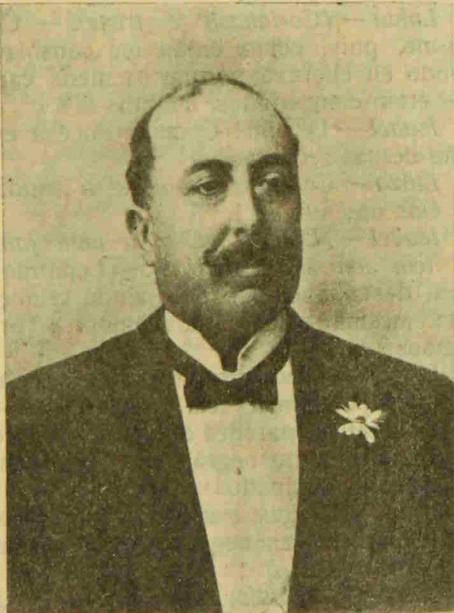
Na freguezia de Alvarães, concelho de Viana do Castelo, vive uma familia que faz lembrar as patriarcais da Biblia.

E' o seguinte: Dum casal nasceram dez filhos, vingaram-se todos e

Tereza	nasceu a 15- 6-1858
José Joaquim	» a 7- 2 1861
Manoel Antonio	» a 14- 9-1863
Joaquim	» a 19-11-1865
Domingos	» a 14- 9-1868
Rosa	» a 1- 1-1871
João	» a 2- 8-1874
Augusto	» a 9- 2-1876

São estes os dez herois da vida porque nenhum morreu. Maria Emilia, Antonio Manoel e Augusto viuvaram, porém o mais novo, o Augusto, está casado em segundas nupcias.

José Joaquim, Manuel Antonio,



DOMINGOS DE OLIVEIRA REIS
Importante capitalista e ilustre benemerito da freguezia de Alvarães, Viana do Castelo

cresceram e... envelheceram. Ainda estão todos vivos, tendo feito o mais novo 53 anos a 9 de Fevereiro do corrente ano.

Manoel Oliveira Reis, casou em Alvarães com Maria Josefa do Carmo, a 11 de Agosto de 1863. Eram ambos naturais desta freguezia, residentes no lugar do Padrão e visinhos, onde continuaram a viver.

Deste par nasceram os filhos seguintes:

Maria Emilia	nasceu a 6- 6-1854
Antonio Manoel	» a 19- 2-1856



MANUEL DE OLIVEIRA REIS
Sobrinho do capitalista sr. Domingos Oliveira Reis

Joaquim, Domingos e João estão casados. Tereza e Rosa ficaram solteiras. Residem todos na freguezia da sua naturalidade. Vêem-se quasi todos os domingos no fim da missa.

E' uma admiração contemplar esta

familia *imortal*, quando se reúne, especialmente, por ocasião da Páscoa, em casa do irmão Domingos de Oliveira Reis, que tem na sua companhia as duas *manas* solteiras e moram todos três na quinta em que nasceram.

Não parece alegria de velhos, todos juntos, falam que é uma maravilha.

Oriundos de agricultores a sua família aí por 1830 tivera muita importância local.

Os «Maiais» como lhe chamaram eram homens de respeito na sociedade; um até foi oficial do Santo Ofício e por isso de sangue limpo.

Actualmente :

Antonio Manoel é professor primario aposentado. Os outros irmãos pertencem á classe dos lavradores, classe que eles honram sobremaneira.

O Domingos é senhor duma grande fortuna que adquiriu na Baía com trabalho inteligente e honra; é um grande benemérito da freguezia.

Ofereceu o mobiliário para a escola do sexo femenino e calcetou, á sua custa, a principal via de comunicação desta freguezia que partindo do Cruzeiro vai até Mariçô. Este calcetamento feito em 1916 gastou quatro mil carros de pedra. A junta da freguezia na sua sessão de 8 de Agosto de 1920, a Camara Municipal de Viana na sua sessão de 23 de Dezembro de 1916 e o Governo da Republica Portugueza em portaria, publicada no «Diário do Governo» em 5 de Fevereiro de 1916 louvaram S. Ex.^a pelos excelentes benefícios com que dotou a sua terra natal.

Ora aqui está uma familia a provar o vigor da vitalidade da raça portugueza.

Se vivesse na Belgica, na França ou na Italia, os governos daqueles países já lhe tinham oferecido pelo menos... um premio!

Todos nós fariamos gosto em vê-los fotografados num grupo que fôsse prova visual e eloquente da sua robustez.

Que vivam por muitos anos, são os votos de quem estas linhas escreve.

R. LIMA

No Outono da Vida

Dialogo íntimo

(Continuação)

Izabel — Este rapaz, com o santo e calmo affecto que lhe consagro, tem sido a consolação e o encanto da minha existencia!

Luiza — (*Muito comovida e tomando-lhe as mãos*). — O' Izabel, ensina-me a compreender-te... e a compreêde-lo, — ou antes — ensina-me a amar assim!

Izabel — (*Acariciando-a*). — Minha pobre Luiza! Tranquilisa-te, confia e crê na minha amisade que é em tudo, a mesma que na infancia nos unia.

Luiza — (*Carinhosa e triste*). — Consola-me, pois, como então me consolavas quando eu chorava porque os meus caprichos eram contrariados, lembra-te?

Izabel — O' sim! Como é doce a evocação dessas recordações!

Luiza — Como é pungente a saudade que elas nos avivam!

Izabel — (*Conduzindo-a a uma janela que tem um store corrido*). — Lembra-te, Luiza, desta janela quando, ainda crianças, nesta mesma sala estudavamos e brincavamos?

Luiza — (*Com surpresa*). — O', lembro, sim, era a janela mais feia da casa tendo em frente as velhas paredes do antigo celeiro e do pombal, muito negras e tristes com o seu aspecto arruinado!

Izabel — (*Ergue o store*). — Vê agora o que te parecem as negras e tristes ruínas doutr'ora.

Luiza — (*Olhando, surpreendida*). — Que transformação completa, meu Deus! Que bonito aspecto este longo terreiro apresenta, rodeado daquela formosa e verdejante cebe que por completo o circunda!

Izabel — Repara também nas lindas pombas brancas, ainda, como outr'ora, voando-lhe em volta ou pousadas entre a verdura.

Luiza — E que delicado arôma se aspira!

Izabel — E' a flôr da hera que o exala.

Luiza — Mas aonde estão agora as negras e tristes ruínas que havia d'antes?

Izabel — (*Significativamente*). — As negras e tristes ruínas que então existiam, lá estão como eram.

Luiza — Como, assim? No logar delas vejo essa exuberante e frondosa hera que nos encanta, coberta das suas originaes flores cujo delicado perfume embalsama o ar, e animado este belo aspecto pelos vôos e arrulhos das lindas e alvas pombas que tanto nos distraem e alegam!

Izabel — (*Intencionalmente*). — Repara que toda essa transformação que admira-

mos é devida àquela verdejante hera que expontanea e livremente se desenvolveu e que hoje, não só adorna esses muros arruinados, mas ainda os segura e sustenta com as suas vigorosas hastes.

Luiza — (Sem comprehender). — Que queeres dizer com isso?!

Izabel — Quero que me digas se pensas que essa hera que tanto apreciamos e admiramos hoje, igualmente se teria desenvolvido, adornando-as com a beleza da sua folhagem, numas paredes modernas, caprichosamente cobertas de azulejos — ou artisticamente decoradas e pintadas?

Luiza — Por certo que não, faltar-lhe-iam as fendas a que se prende e a poeira, propria das ruínas, que a alimenta a avigora.

Izabel — Tambem o affecto puro e sincero daquele que é hoje o filho estremecido da minha alma, é, verdadeiramente a herá que no Outono da vida — me engrinalda a existencia com as sublimes consolações do amor de familia — que eu já não tinha — e que sustenta e ampara as ruínas que me tem causado não só o decorrer do tempo — como tambem os desgostos e sofrimentos que tenho tido, — porque sempre na vida os encontra — principalmente quem muito pensa e demasiado sente... e que a morte lhe tem levado quasi todas as pessoas queridas que á existencia a prendiam!

Luiza — (Pensativa). — Invejo-te a felicidade de viveres para um sentimento que te satisfaz e não desvaira!

Izabel — Porque esse sentimento, enchendo-me por completo o coração aonde nasceu, fundiu-se, por assim dizer, com as minhas crenças religiosas que o elevam até ao espirito, aonde, sob a benção e o olhar de Deus, se acrisola, alimenta e desenvolve.

Luiza — (Sem comprehender). — Mas como vieste a sentir um affecto tão extraordinario como original?!

Izabel — Muito singela e expontaneamente — como expontaneos e singelos são os nossos corações.

Luiza — (Com curiosidade). — Aonde se conheceram?

Izabel — Aqui na aldeia aonde o Jorge veio tomar conta dos bens que lhe pertenciam pela mãe e que o pai lhe entregou quando chegou á maioridade.

Luiza — (Da mesma forma). — Como se aproximou de ti?

Izabel — O acaso — ou antes — a Providencia — fez com que nos encontrassemos num jantar de familia em casa do Morgado das Laranjeiras com quem ele já em Lisboa se havia relacionado.

Luiza — E como estreitaram relações?

Izabel — Conversamos naturalmente e

na impressão comovida que ele manifestou haver sentido ao tornar a ver todos os locais aonde passara a infancia e que tão intensamente lhe avivam a saudade da mãe virtuosa e querida que tão cedo perdeu, — não o compreendi somente — mas senti reflectir-se na minha, a sua alma de eleição, e instinctivamente afeiçoei-me a ele, admirando-lhe o espirito superior e elevadissimo



A menina Elvira Lopes Ferros, de Viana do Castelo. Fez a sua Primeira Comunhão a 8 de Julho passado.

bem como os raros dotes do coração generoso e bom que tanto a sua conducta como as suas palavras me revelavam.

(Continua)

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES



RICOS E SABIOS. — Perguntando-se a um sujeito porque se viam frequentemente os sabios ás portas dos ricos, e raras vezes os ricos ás portas dos sabios, respondeu: «é porque os sabios conhecem o valor das riquezas, e os ricos ignoram o valor da sciencia».

EM LISBOA



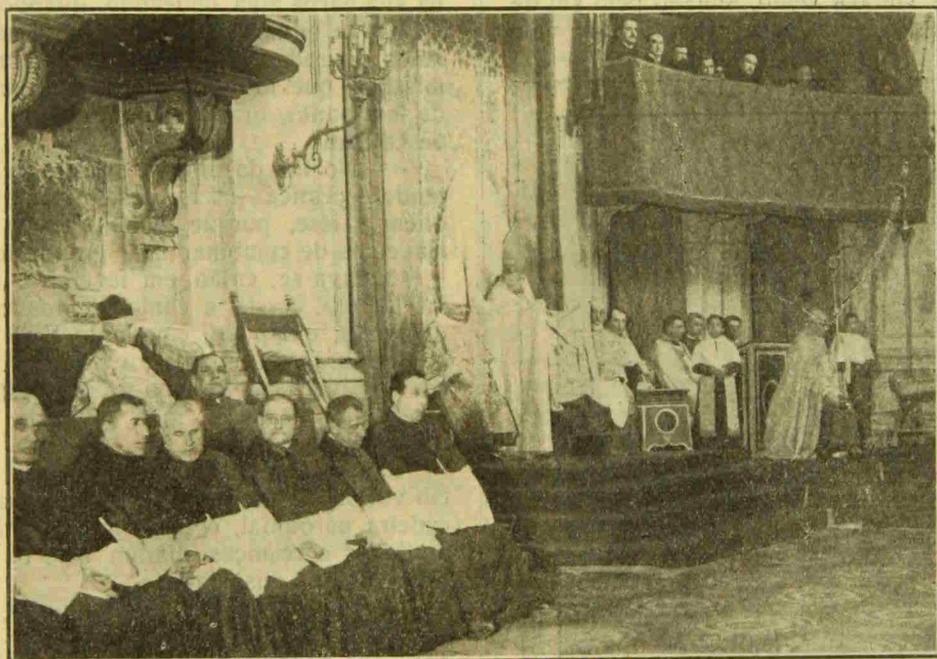
No Palacio da Nunciatura — Antes do jantar oferecido ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da República



Sessão solene na Sociedade de Geografia, em honra de S. Santidade Pio XI. O Ex.^{mo} Senhor Nuncio Apostólico, tendo junto o Ex.^{mo} Sr. Presidente da República

(Fotografias de A. Salgado)

EM LISBOA



Aniversario da Eleição de S. Santidade Pio XI. A cerimónia religiosa na Sé Patriarcal.



NA LEGAÇÃO DE FRANÇA — Homenagem prestada pelo Governo Francês ao Ex.^{mo} General Craveiro Lopes
(Fotografias de A. Salgado)

Acção de graças

FREI Mauricio partira do Tejo aos 30 anos, herculeo e morêno, forte e sonhador, como um monge que fôsse para a guerra, e voltava velho, sugado pelo sol de mil países, à sua aldeia, que era num vale



A menina **ELVIRA LOPES FERROS** de Viana do Castelo, que no dia 8 de Julho de 1928, fez a sua primeira comunhão

da Estrela, fundo e agasalhado como um ninho.

Por lá andara 40 anos, entre leões e pretos, nas florestas de Africa, ensinando a resar em muitas linguas.

E agora que obtivera a graça de descançar na sua terra, a sua melhor consolação era ouvir cantar a Deus na lingua doce de Portugal.

Entre as raças que evangelisara, a Ave-Maria cantada parecêra lhe sempre um alarido de gritos duros e o Padre-Nosso, resado em côro, era mais uma vozearia surda que uma melodia clara de amor.

Na primeira pratica, feita da cadeira paroquial — uma pratica toda rescendente de alegria simples e bondade eterna — afirmou que o maior prazer da sua vida, agora exgotada e velha, era ouvir cantar uma oração bela na bela lingua da sua terra.

Mas o povo mal o ouvira e mal o entendera.

Os olhos de todos estavam pasmados na sua barba alva, ondeando, quando falava na batina branca, e no seu rosto e nas suas mãos douradas pelo sol e pelas febres das missões, que lhe davam a figura esmaecida de um santo, tirado a um retabulo antigo de catedral.

— No fim da missa — pediu ele, rematando a pratica — seria desejo meu que ninguém sáisse, porque tenho de vos ouvir. Havemos de combinar uma grande festa...

Estava-se, então, em fevereiro. A chuva, lá fóra, corria, a cantaros, dos caleiros da Igreja, e o povo, enquanto Frei Mauricio celebrava a missa, foi pensando como era possivel fazer-se uma grande festa, com um tempo destes e num povoado assim, pequenino e pobre.

Quando, acabada a missa, Frei Mauricio vóltou da sacristia, a sentar-se na velha cadeira paroquial, o povo inteiro, homens, mulheres e crianças, fitaram nêle os olhos, brilhantes de ansiedade.

— Ha 40 anos — continuou êle, como se não tivesse havido interrupção — ha 40 anos que penso nesta festa: uma festa onde crianças cantem versos a Deus...

— E' com certeza uma festa de comunhão?... — interrompeu o juiz da Igreja, que estava de pé, a seu lado, de vara e opa vermelhas.

Toda a gente fitou os olhos, repreensivamente, no juiz, que parecia ter feito uma irreverencia.

— Exacto, uma festa de comunhão... — confirmou o velho missionario.

E para desfazer o atrito daquele pequenino escandalo que o juiz, ingenuamente, provocara, acrescentou, sorrindo:

— Quem tiver a dizer alguma coisa que o não esconda. Eu estou aqui para vos ouvir.

E como o povo respirasse, desafogadamente, vóltou-se para o juiz, que tinha o rosto vermelho, em congestão:

— ... Pois é verdade: é como diz o nosso juiz — uma festa de comunhão.

Seguiu-se um absoluto silencio, que Frei Mauricio aproveitou para lêr, nos olhos dos fieis, a impressão que fizera o alvitre.

A festa todos a aceitavam, mas as ultimas despesas do culto tinham absorvido as economias.

A Igreja brunira-se toda de cal e pinho alvo, o altar-mór e o lateral, de Santa Ana, rebrilhavam de alvura e oiro fresco, mas do

lado da Epistola, o altar da Virgem estava ainda na côr castanha da talha, mordido dos pregos, como saíra da oficina.

O missionario sabia já que um pintor de Coimbra, um viuvo estroina, fugira com o oiro do altar, deixando, ainda, ao povoado, uma filhinha que fazia dó.

— Sim... eu sei... — murmurou Frei Mauricio, olhando o altar, e justificando aquele silencio — vós tendes gasto muito... Estais pensando, talvez, nas despezas?...

— Sim... a bem dizer... — era ainda o juiz que falava, agora já solicitado pelos olhares tímidos dos outros — a bem dizer uma musica ainda leva caro...

— Uma musica! Mas a musica sere-mos todos nós...

— E para fazer a procissão?

Uma pequenina chama passou, sorrindo, no olhar brando do velho apostolo.

— Quando se leva a Deus em procissão, até os pés dos que o seguem fazem cantar as pedras dos caminhos...

— Mas não seria melhor lá para maio, que é já tempo de haver flores?...

— Ah! uma festa de crianças nunca precisa de rosas...

— E cêra tambem já temos pouca, para alumiar a comunhão... — acentuou o juiz, frouxamente, quasi vencido.

— A musica! a cêra! — exclamou, quasi rindo, o missionario.

E voltando-se para o povo, acrescentou com indulgencia:

— ... Decididamente, o nosso juiz não entende a minha festa...

Depois, envolvendo toda a Igreja num olhar de ternura ingenua e transbordante, chamou alto:

... — Crianças! crianças é que me entendem! Venham cá os meus amigos!...

E, subitamente, um bando alvoroçado de crianças desprende-se dos chales maternos, e, furando por entre os capotes pardos, de briche, veio apinhar-se á volta da sua batina branca, vivazes e inquietas, lembrando um bando de aves gulosas, a querer pousar-lhe nos joelhos e nos ombros.

... — Ora vêde lá — dizia ele, para os fieis, passando as mãos nas faces dos pequeninos — vêde lá se a luz destes olhos não alumia melhor a Deus que a da cêra das abelhas?...

Uma onda de ufanía suavissima perpassou no templo, aquecendo o coração dos pais.

... — No dia da nossa festa, Deus, ao entrar nos labios de cada uma destas criancinhas terá a alumia-lo, duas luzes em cada rosto e uma rosa em cada face...

Um sopro de arrebatado entusiasmo ergueu o murmúrio de uma aprovação calorosa.

— ... Um punhado de trigo — con-

cluiu Frei Mauricio — eis toda a despeza da minha festa. Que cada um dos vossos filhos me dê um grão de trigo, e eu lhes sementearei uma seara bela...

Estava resolvida a comunhão.

Mas quando Frei Mauricio se levantou, ao lado do altar da Virgem, descobriu uma criança, de joelhos, que pelo talhe e qualidade do vestido, lhe não pareceu da região.



O menino Heitor Barbosa da Cunha e sua irmãsinha Maria Izabel, de Barrozelas

— Então aquela menina não é minha amiga?... — perguntou muito alto, sorrindo o missionario, enquanto a Igreja inteira desviava para ela a vista.

O juiz inclinou-se logo, pressuroso, a segredar-lhe que era a filha do pintor, que tivesse cuidado em lhe falar no pai, que era muito fina, muito nervosa... Vinham-lhe ataques de choro em que desmaiava...

Frei Mauricio, sem desviar os olhos da criança que já vinha para ele, acenou com a fronte, um sim distraído, significando ao juiz que já sabia, que não era preciso...

— Ora venha de lá a minha amiguinha... Eu afinal, é que tive a culpa... Mas então... Estes meus olhos de velho já nem destas rosas descobrem...

A pequenina, muito branca, muito linda e muito magra, avançou para a cadeira sem acanhamento, e, ao entrar no rebanho das

crianças, grosseiramente vestidas, a romeira de seda branca, já desfiada, caindo sobre o vestido de setim verde, desbotado, lembrava um passarinho de país mimoso e plumagem mal tratada, que viesse pousar, extraviado e triste, num bando alegre de pardais monteses.

Quando as mãos douradas do velho afagaram, docemente, os seus cabelos loiros, Clementina estremeceu vivamente.

— Então que fazias além, ajoelhada, tão sosinha?...

— Estava a resar com a minha Mamã...

— Com tua Mamã?!... Julgava que já não tinhas Mãe!...

— Sim... já não tenho... mas ela disse-me, antes de morrer, que, sempre que eu resasse, viria para ao pé de mim...

— Bem, não chores — eu vou dar-te uma boa notícia...

Clementina ergueu, para êle, os grandes olhos azuis, interrogativamente.

— ... Vais ser um dos anjos da festa.

— Oh! mas eu antes queria ser da comunhão...

— Pois bem serás da comunhão.

— E quem me dará um vestido branco e um veu de renda?

Clementina, fazendo a pergunta, dera á cabeça e á voz um tal jeito de ave, que Frei Mauricio lembrou-se do pintassilgo triste que o seu antecessor deixara no presbitero, e ele soltara da gaiola, ao entrar.

E olhando a pequenina, pensou consigo: «Será o meu passarinho»...

— Está bem: terás o vestido e o veu — prometeu, alegremente.

E tomando-lhe da mão, para a levar consigo, concluiu, dirigindo-se ao povo, comovido de ternura:

— A nossa festa será, então, de hoje a quinze dias.

* * *

E daí a quinze dias, amanheceu um domingo de sol clarissimo e doce.

Frei Mauricio passara a noite trabalhando nos ultimos ensaios dos côros e nos mil adôrnos dos altares, andores e guiões, dirigindo e prevenindo tudo, desde as opas brancas, de bandas azuis, para os rapazes, até aos carvões para as brasas do turibulo.

Era madrugada alta, e ainda ele dispunha, nos tableiros de verga, o *lunch* das criancinhas, em que por uma ternura inapreciavel aos olhos do povo, ele misturara os pães doirados de Portugal com a novidade das frutas africanas.

Enternecidamente, ele mostrava, aos camponios, aquelas frutas estranhas, explicando-lhes a sua cultura, louvando o seu sabôr e as terras onde se criavam, afagan-

do-as nas mãos trémulas de saudade, como a pequeninos seres que lhe falavam de uma grande familia longinqua...

O bom velho estava vivendo horas de uma exaltação viva, enternecedora.

Ao romper do sol, como ele dispensara a musica, quiz fazer a alvorada.

E pelas ruas varridas e lisas da aldeia, o missionario e as crianças tão lindas musicas cantaram, que as gentes das terras proximas que vinham, nos caminhos, para a festa, apressavam a marcha, receiando que já fosse a procissão. Mas a procissão, á roda da aldeia, para a qual Frei Mauricio guardara as suas musicas melhores — abraçando, assim, a sua terra nas mais belas harmonias do seu espirito — só ao meio dia se realisou.

E era com surpresa de toda a gente, deslumbrada da festa, que Frei Mauricio ia tristissimo, debaixo do palio, ladeado dos colegas, vergando a uma pêne inquietadora que não dessimulava.

Ele vira a pequena Clementina, logo depois de receber a hostia, esconder-se atraz dos fieis e desaparecer pela porta da sacristia que dava para o passal, sem mais voltar ao templo.

E, todavia, êle recomendara ás crianças comungantes que não saíssem da Igreja sem fazerem a acção de graças que lhes ensinara.

Que seria feito de Clementina? Para onde fugira ela, levando na bôca a particula mal consumida?

Frei Mauricio tremia á ideia de um sacrilegio, feito por aquela criança de cidade, tão viva e curiosa.

— Depressa, que caminhem depressa, o sol é muito! — recomendava ele ao juiz que dirigia a procissão.

E terminada a festa, enquanto o povo dispersava, Frei Mauricio saiu da sacristia, pela porta que dava para o passal extenso, em procura da pequenita.

Ao longe, num recanto anguloso feito por dois muros do passal, os seus olhos cansados viram luzir um vestido branco.

Para lá se dirigiu, rapido, escondendo, cautelosamente, a sua estatura alta ao longo de um renque de buxo secular.

Clementina estava sentada num banco de sôbro e falava como se conversasse.

Frei Mauricio aproximou-se quanto pôde, sem ser visto, o coração tremulo, e pasmado de a ouvir sosinha, conversando sem ver niuguem.

.....

Clementina perguntava:

— ... Mas a Mamã não sabe, lá no ceu, que o Papá fugiu?... que me deixou aqui sósinha?!...

E inclinava muito a frente para o peito, abaixo do ombro esquerdo, a ouvir, ansiosa, uma resposta que devia vir-lhe do coração, onde ela sentia o Jesus que comungara.

Depois, como tivesse recebido palavras de alívio, ergueu, levemente, a frente, para deixar passar, na garganta, um suspiro de alegria.

— Ah! é que me custava tanto que ela soubesse...

E afastando na mãosinha nervosa, uns anéis de cabelo que teimavam em fugir-lhe para os olhos, inclinou-se, de novo, a perguntar:

— E Nossa Senhora fala á Mamã?... E' amiga dela?

— Ah! que bom serem assim amigas... Eu julgava... sim... como o Papá lhe... não doirou o altar... que, para não envergonhar a... Mamã... lhe não falasse...

Enxugou dúas lágrimas que caíram inteiras, pelo veu da comunhão.

— Eu gostava tanto, tanto de vêr a Mamã!... Se lá em cima se abrisse um bocadinho o ceu?... Eu só lhe queria dizer: *adeus!*... Mais nada... — só *adeus!*...

E como se estivesse vendo que, para ter o que pedia, bastava insistir com mimo, continuou:

— Era só um bocadinho, meu Jesus... Vêr-lhe o rosto... os olhos... e dizer-lhe *adeus!*... só *adeus!*...

* * *

Depois seguiram-se uns murmurios de contentamento, as palavras tornaram-se confusas, mais raras, mais fatigadas, e a cabeça, lutando um momento contra o sono, caiu-lhe, graciosamente adormecida, na travessa mais alta do banco.

Frei Mauricio estava deslumbrado. Nunca em sua vida se encontrara tão perto de Deus.

E ele que, tantas vezes, erguêra, serenamente, a Deus invisível, nas suas mãos, tremia ao desejo religioso que agora o arrebatava de tomar, nos braços, a filha do pintor.

Vergavam-lhe as pernas ao caminhar para ela, sentindo-as presas, hesitantes, enfraquecidas.

E embora a distância que os separava mal fossem quatro metros de carreiro plano, ao velho missionário — aproximando-se, curvo, devagarinho, no receio de a acordar — parecia-lhe que ia subindo, entre luzes, um altar de mil degraus.

Quando se viu na sua frente, todo vi-

brante de exaltação religiosa, caiu de joelhos, como á vista de uma custodia onde estivesse Deus.

E olhou-a, contemplou-a, religiosamente, todo penetrado da alegria mística que dá uma aparição de milagre.

Nas faces de Clementina esvoaçava um sorriso longinquo e feliz.

E a envolve-la, a repassa-la toda de uma vida sobrenatural, um silencio religioso, encantado por um murmurio doce, imperceptível, que a intervalos lhe saía dos labios finos, palpitantes.

Frei Mauricio quiz saber o que dizia, e arrastou-se, de joelhos, para a ouvir, debruçando-lhe a sua cabeça alta, doirada, sobre o rosto de neve, adormecido.

E toda a sua alma estremeceu do que viu e do que ouviu.

Clementina, repousando a nuca no rebordo do banco, ficara, de labios abertos, em flor, erguidos para o sol e a cabeça alumiada na aureola dos seus cabelos loiros.

Os seus bracinhos nervosos cruzavam-se apertados, carinhosamente, sobre o peito, abraçando uma imagem preciosa, mas invisível — a imagem da mãe.

E como se a mãe, a cada palavra do sonho, a estivesse beijando nos labios, a sua boquilha amimada, risonha, contente, cheia de sol, murmurava baixinho, enternecidamente:

Mamã!... Mamã!... Mamã!...

NUNO DE MONTEMÓR



LIBERALIDADE

A liberalidade é uma boa qualidade do coração, que tem sua origem na benevolencia e no desprendimento, e nos leva a fazer os outros participantes dos nossos bens. Levada ao excesso e praticada desordenadamente, deixa de ser virtude e degenera em prodigalidade. Certo gentil-homem, que devia uma soma consideravel ao conde de Soissons, foi um dia ter com ele, e rogou-lhe que lhe perdoasse metade da dívida. O conde, compadecido da condição do seu devedor: «Essa metade» disse «já me não pertence, visto que vos destes ao trabalho de ma vir pedir; mas, como deixais a outra metade á minha disposição, consenti que vo-la dê».

Amor de Deus e da Terra

POR Nuno de Montemór

(2.^a Edição)

Opiniões sobre o livro

Para a minha alma, Nuno de Montemór é dos mais «puros» poetas de Portugal.

Para exprimir o seu *Amor de Deus e da Terra*, ele achou na palpação do próprio sangue, a forma que lhe havia de convir — ao mesmo tempo forte e fluida, de religiosa cadencia bíblica e imprepregnada dos reflexos, aromas e sabores espirituais da patria.

Amor de Deus e da Terra, é um místico breviário de um Português, serrano piedoso de alma brava e meiga.

Afonso Lopes Vieira.

Amor de Deus e da Terra, é um livro de delicadíssima sensibilidade. De tal modo se amam nele os desventurados, que Nuno de Montemór parece ter ouvido, da boca de Jesus, o Sermão das Bem-aventuranças. Livro escrito por um poeta que é, ao mesmo tempo, oriental e ocidental, encontra-se nele o lirismo dos cantares indianos e o extase do autor ante a graça da mulher portuguesa, entrevista em imagem perfeita.

Antero de Figueiredo.

Amor de Deus e da Terra é um livro gótico, do mais puro gótico português, e encontram-se nele das mais lindas páginas da poesia contemporânea.

Em qualquer literatura do mundo obras como o *Amor de Deus e da Terra*, pertencem à literatura de elite.

A prosa ritmada é a mais difícil de todas as poesias, desde que o seu lirismo seja uma chama pura e resistente.

Ora as páginas do *Amor de Deus e da Terra* são de uma elevação constante. Têm o ritmo do extase e nunca me canso de as lêr e relêr.

Augusto de Castro.

E' lamentavel que o livro *Amor de Deus e da Terra*, que, sob o ponto de vista artistico, é a mais alta manifestação de talento de Nuno de Montemór, não seja tão conhecido e apreciado quanto merece.

Cada trecho deste livro é um cantico em que vibram os mais nobres sentimentos. A musica suave da palavra ergue dele um hino à beleza da criação em que se espelham as perfeições divinas.

Fernando de Sousa.

Imaginatevi dunque con quadta soddisfazione e con quanta gioia abria scoperto «Amor de Deus e da Terra» de Nuno de Montemor, libro dove palpita em soffio de vera e grande poesia, piú vera, piú viva, piú umana, di tutte le faticose ricostruzioni neoclassiche tentate in questi ultimei anni.

A bella sahiera de fulgidi ingeni, Chesterton, Maritain, le Cardonnel, Claudel, Jammes, Papini, Ribeiro, Vasquez Mella, Joersee e Gheon — se aggiunge la nobile figura de um poeta portughese: Nuno de Montemór.

(De L'Unità Catolica, de Florença.)

Guido Battelli.

Livraria Depositária-União Gráfica, Rua de Santa Marta, 150, Lisboa-Norte.

Preço 10\$00 — Pelo correio, 11\$00 — A' venda em todas as livrarias do país.

«Sou cristã!»

Fugindo ás perseguições de Alexandre, governador de Seleucia, que votava aos cristãos um ódio implacavel, uma mulher cristã, de nome Julita, dirigia-se para a cidade de Tarso. O cruel Alexandre partiu de Seleucia no mesmo dia, e seguiu o mesmo caminho que Julita. Mandou-a prender com o pequeno Cyro, seu filho de tres anos, que ela levava ao colo. «Como te chamas?» perguntou o governador — Sou cristã! — Donde és? — Sou cristã! — Qual é a tua condição? — Sou cristã! O governador, irritado, ordena que lhe arranquem dos braços o menino e que batam cruelmente nela. Ele mesmo tomou o pequeno Cyro. Nada mais amavel do que esta criancinha: a candura da innocencia, que se refletia em seu rosto, atraía os olhares de quantos estavam presentes a esta scena. O pequenito estendia os bracinhos para sua mãe, e, repelindo as caricias com que o governador procurava sossegá-lo, brigava com todas as suas forças. Quando Julita, no meio dos tormentos, exclamava: «Sou cristã!», o pequeno Cyro repetia logo: «Sou cristão!». Alexandre, furioso, toma o tenro innocente por um pé, e bate com ele no chão. O cráneo da innocente victima é quebrado, e o cérebro espalha-se pela terra juntamente com o sangue. Julita cai de joelhos: «Eu vos dou graças, meu Deus», exclama «por vos dignardes de dar a meu filho um logar em vosso reino. Dignai-vos de nele receber tambem a vossa serva, para que ela vos bemdiga para sempre!». Mal acabara estas palavras, quando o algoz lhe cortou a cabeça com um golpe de machado. Pouco tempo esteve separada de seu filho.

PASSARO GIGANTE — Asseverou Mr. Temple, haver morto numa das suas viagens ao Perú, um condor, cujas azas tinham de ponta a ponta, quarenta pés; as penas tinham vinte pés de comprimento, e o cano destas, oito polegadas de grossura.

CÔLEGIO DUBLIM

— Largo do Carmo -- BRAGA —

Para meninas internas

Semi-internas e externato

Instrução Primária e Curso Liceal

Piano, canto, desenho, pintura e fiôres. Todos os trabalhos de agulha e arte aplicada. Pensão mensal para as internas 240\$00. Idade para admissão dos 7 aos 14 anos

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

FRANCISCO PEREIRA VILELA

Antiga Casa
Ribeiro de Castro & Vilela

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA — Telefone n.º 59

Secção de Igreja

Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas as cores e mais alfaias pertencentes ao culto ; fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.

Secção Militar

Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e botões para fardamentos militares e todas as corporações civis, musicas, etc.

FALAR NA



FOTO-CHIC

É DISCUTIR A MELHOR FOTOGRAFIA

Rua Carriço Reis, 87

BRAGA

≡ 2.^a Serie de Brindes ≡

Promovida pela "PAX,"
Secção **Livraria Litúrgica**

Execução rápida de todas as encomendas. Preços módicos
Correspondencia directa com as principais livrarias nacionais e estrangeiras
Artigos religiosos. Terços, medalhas
Estampas e oleografias

Atendendo a varios pedidos se iniciou a 2.^a serie de valiosos brindes especialmente destinada a favor dos

Estimados assinantes da Revista « OPUS DEI »

1.^o) *Os que fizerem compras no valor de 10 escudos e por cada 10 esc. mais, terão direito a um COUPON numerado para o referido sorteio.*

2.^o) *Os que obtiverem assinantes certos para a Revista « Opus Dei », satisfazendo ás assinaturas no acto da inscrição, igualmente por cada esc. 10\$ entregues, terão direito a um mesmo COUPON. Cada numero do COUPON corresponde a*

I DEZENA DE ESCUDOS

BRINDES

Quadro representando o Golgota de Herm. Clementz com uma moldura em castanho medindo 1.16 × 0,81 cm.

Os volumes correspondentes aos 2 anos completos da Revista « OPUS DEI » devidamente encadernados.

O Missal dos Fiéis em 2 tomos em chagrim folhas douradas.

Quadro movel a cores para explicação da missa resada 0,56 × 0,24 cm.

I Colecção « OPUS DEI » (1.^a Serie).

I » » » (2.^a Serie).

Estes brindes serão distribuidos pelos 6 primeiros prémios da Lotaria da Santa Casa da Misericordia, que depois se anunciará.

LIMÃO, FILHO & C.^A L.^{DA}

Grandes Armazéns da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.^o andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Depósito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fêto feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS